

## CONFRONTO ENTRE NACIONALISMOS: O CASO DE TAIWAN<sup>1</sup>

*Clash between nationalisms: the case of Taiwan*

Giorgio Romano Schutte<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Esse artigo é fruto de uma pesquisa realizada no último quadrimestre de 2020 no Departamento de Ciências Políticas da Universidade Nacional de Chengchi (NCCU) em Taipé e contou com apoio do Center for Chinese Studies/National Central Library. Agradecimentos em particular ao Professor Yen-Pin Su e Dr. Han-Sun Chien. O artigo reflete unicamente as ideias do autor.

<sup>2</sup>Bolsista Produtividade CNPq. Universidade Federal do ABC (UFABC), Santo André, SP, Brasil. **E-mail:** [giorgio.romano@ufabc.edu.br](mailto:giorgio.romano@ufabc.edu.br). **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-5225-469X>.

Recebido em: 30 mai. 2021 | Aceito em: 05 ago. 2021.

## RESUMO

Com o ressurgimento da disputa entre China e Estados Unidos, a questão de Taiwan ganhou nova centralidade na política internacional. O artigo explora o surgimento do nacionalismo taiwanês em contraposição ao chinês. Identifica-se, por trás da disputa política, duas abordagens distintas da identidade nacional. De um lado, o primordialismo que leva à afirmação da identidade chinesa dos habitantes de Taiwan. E, de outro, uma abordagem subjetiva ou instrumentalista que sugere um processo de construção dinâmica de uma nova identidade separada da chinesa. Essa disputa não é entre a República Popular da China e Taiwan, mas entre duas concepções no interior de Taiwan, organizadas politicamente em torno do Kuomintang e do Partido Democrático Progressista. A partir da democratização e do fim do regime autoritário, no final da década de 1980, a identidade taiwanesa ganhou mais adesão, não obstante as intensas relações econômicas, comerciais e o intercâmbio no mesmo período.

**Palavras-chave:** Taiwan; China; Nacionalismos.

## ABSTRACT

The re-emergence of the rivalry between China and the US, the Taiwan issue gained new centrality in international politics. This article explores the surge of Taiwanese nationalism in opposition to Chinese nationalism. Behind the political tensions one can identify a clash between two different conceptions of national identity. On one side a primordialist conception that reaffirms the Chinese identity of the inhabitants of Taiwan. And on the other a subjective, instrumentalist conception that indicates a process of dynamic construction of a new identity separated from the Chinese one. This clash is not between the Popular Republic of China and Taiwan, but between two conceptions inside Taiwan organized politically around the Kuomintang (pan-blue) and the Democratic Progressive Party (pan-green). Since democratization and the end of the authoritarian regime, Taiwanese identity has grown, notwithstanding the intensification of economic, commercial relations and the exchanges between people over the same period.

**Keywords:** Taiwan; China; Nationalisms.

## INTRODUÇÃO

Taiwan ganhou uma visibilidade internacional com a revolução chinesa de 1949 e foi um dos pontos de tensão na Guerra Fria até a normalização das relações entre a República Popular Chinesa (RPC) e os EUA, no início da década de 1970. Com a retomada das tensões entre as duas nações na década de 2010, Taiwan voltou ao centro das atenções, em um contexto do que alguns consideram uma nova Guerra Fria. A revista britânica *The Economist* publicou, em capa de uma edição do início de maio de 2021, que a ilha taiwanesa seria o lugar mais perigoso de se viver. É conhecido o desejo declarado da RPC de incorporar Taiwan à sua jurisdição, em um processo considerado de reunificação. Para o Partido Comunista da China, essa reunificação está ligada à meta de completar seu processo de rejuvenescimento até 2049.

De outro lado, há uma resistência a este processo, pelo menos por parte da população de Taiwan, que, ao longo das décadas, desenvolveu uma percepção de ser um país com características e uma razão de ser próprias. Desde a década de 1990, estabeleceu-se de forma crescente entre China e Taiwan relações comerciais, integração das cadeias de produção com volumosos investimentos taiwaneses no continente e até um fluxo intenso de pessoas (empresários, turistas e estudantes). Paradoxalmente, foi justamente ao longo desse período que as forças centrífugas ganharam maior peso político em Taiwan, com o fortalecimento de identidade própria.

Em abril de 2021, a população total de Taiwan era de 23,5 milhões de habitantes (National Statistics, 2021), contra 1,4 bilhão da RPC (National Bureau of Statistics of China, 2021).

O conflito ideológico da época da Guerra Fria entre o Partido Comunista Chinês (PCC) e o Partido Nacionalista (Kuomintang- KMT) foi substituído por um conflito entre duas visões a respeito da identidade de Taiwan: parte integral indivisível da China com um destino compartilhado com o continente -visão compartilhada entre o PCC e o KMT- ou uma nação em construção com sua própria história e destino, visão do campo nacionalista taiwanês liderado pelo Partido Democrático Progressista, DPP.

Tal conflito não tem uma conotação étnica. A composição étnica de Taiwan é clara. Os únicos dois grupos de etnia não chinesa são as tribos indígenas que representam em torno de 2% da população e os trabalhadores migrantes oriundos do sudeste asiático (4% da população). Ou seja, a grande maioria é de etnia han, tanto os descendentes dos que vieram durante a dinastia Qing, quanto os chamados “*mainlanders*”, que chegaram em 1949. Há, porém, dentro do grupo que pode ser classificado como etnia han, em particular entre os “*mainlanders*” e os descendentes dos fluxos migratórios dos séculos anteriores, grande diferença entre interpretação da história, autoidentificação e até em linguagem.

O conflito tem, portanto, um caráter identitário. E mais do que isso: concepções sobre identidade diferentes, cujas dinâmicas serão exploradas neste artigo, e que remetem a compreensões diferentes sobre a origem do nacionalismo.

De um lado, o primordialismo, no qual a nacionalidade é vista como algo natural determinado pelos laços étnicos, religiosos, tradicionais e de ancestralidade, independentes, assim, da vontade humana (Ozkirimli, 2000). Nessa concepção, não pode haver dúvida ou discussão sobre a identidade taiwanesa: ela é chinesa e parte inseparável da China. Não há o que negociar a não ser o grau de autonomia administrativa. De outro, há a abordagem do nacionalismo voluntarista, subjetivo ou instrumentalista (Shih e Chen, 2010, p. 93), que dialoga com o nacionalismo taiwanês. O nacionalismo seria, em última instância, por definição, um movimento político (Brass, 1991). Philips (2016, p. 681) fala em “nacionalismo cívico” (*civic nationalism*). Renan (2000) alerta, porém, para a necessidade de um patamar mínimo de organicidade,

condições objetivas para que um movimento nacionalista possa ganhar força política e estimular a formação de uma identidade correspondente.

O nacionalismo taiwanês se encaixa, portanto, na caracterização de Smith (2010, p.9) do nacionalismo, como sendo: “Um movimento ideológico para alcançar e manter a autonomia, unidade e identidade de uma população” (*An ideological movement for attaining and maintaining autonomy, unity and identity for a population*). Há uma estreita relação entre o processo de democratização e o nacionalismo taiwanês. Mas igualmente importante para entender a sua especificidade é considerar que há, no próprio Taiwan, “duas identidades concorrentes” (*two competing national identities*) (Philips, 2016, p. 666). Existe, de fato, uma divisão muito profunda entre a população taiwanesa a respeito da sua própria identidade, que encontra sua expressão política nos agrupamentos em torno do KMT (pan-blue) e do DPP (pan-green). A rivalidade, portanto, não é somente a respeito da identidade, mas se refere a uma profunda divergência a respeito de quais deveriam ser os critérios ou determinantes da identidade taiwanesa. Os dois grupos lançam mão de símbolos e da reinterpretação da história para sustentar sua causa.

Philips (2016) registrou que a literatura internacional tende a incluir o surgimento do nacionalismo taiwanês na chamada terceira onda, que começou em meados da década de 1970, e inclui o impacto da queda do bloco soviético no início da década de 1990. Neste artigo, defende-se, porém, a singularidade do caso, que dificilmente se presta a comparações.

Este artigo é organizado em torno de quatro seções sem contar esta introdução e as considerações finais. Na primeira, é feita uma contextualização histórica, na segunda uma breve apresentação do nacionalismo chinês com relação a Taiwan, na terceira aborda-se o processo de fortalecimento e consolidação da identidade taiwanesa. Por último, alguns contrapontos para evidenciar o debate no interior de Taiwan. O trabalho fez uso de uma pesquisa realizada na Universidade Nacional de Chengchi no último quadrimestre de 2020.

## CONTEXTO HISTÓRICO

Em 1542, navegadores portugueses registraram pela primeira vez no mapa uma ilha com o nome de “Formosa”, em referência à sua beleza natural, até então habitada por tribos de origem austronésia. No século 17, a ilha foi colonizada por holandeses que se instalaram no sul do território (Fort Zelândia). Estes começaram a registrá-la com um nome derivado de uma das tribos, os Taivoan. Daí o nome tanto da cidade de Tainan como de Taiwan, para a ilha toda. Os holandeses foram expulsos por um exército liderado pelo legendário comandante Koxinga vindo do continente e leal à dinastia Ming (1368- 1644), e que lá tinha sido derrotado pelos Qing (1644-1911). Koxinga escolheu Taiwan para reagrupar suas tropas no intuito de reconquistar a China continental. Chiang Kai-shek se identificava com ele (a reconquista da China continental a partir de Taiwan), e o Partido Comunista Chinês enfatiza sua vitória contra o imperialismo ocidental (Vickers, 2021). Em 1683 a ilha foi incorporado por força militar ao território chinês. Com a derrota

da dinastia Qing na Primeira Guerra Sino-Japonesa (1894-1895), Taiwan passou a estar sob jurisdição nipônica pelo Tratado de Shimonoseki.

Vários autores situam o surgimento da identidade taiwanesa no período colonial japonês (Khoo, 2021; Shih e Chen, 2010). Hsiao (2000, p. 4) relatou que, antes da colonização japonesa, as populações locais se identificavam pelas regiões de origem de seus ancestrais ou pela sua tribo de pertencimento. Shih e Chen (2010, p. 89) descrevem inclusive uma realidade de frequentes conflitos armados entre os vários grupos antes da chegada dos japoneses. A colonização cortou bruscamente o contato entre os han de Taiwan e o continente. Isso teve como efeito colateral o surgimento de uma nova identidade coletiva: a de Taiuanlang (pessoas de Taiwan). Ao mesmo tempo, houve uma imposição do uso da língua japonesa no ensino em detrimento do Taigi<sup>3</sup>. Após o início da Segunda Guerra Sino-Japonesa (1937-1945), o processo de assimilação ganhou maior peso em Taiwan.

Para o KMT, a data crucial foi 1949, quando Chiang decidiu pela retirada das tropas e se instalou com dois milhões de correligionários na ilha, declarando Taipei a capital provisória da República da China (ROC, na sigla inglesa). Para a população local, porém, a nova era começou em 1945, quando da retirada do Japão e subordinação ao regime de Beijing. Havia uma insatisfação com o tratamento que receberam das novas autoridades, que culminou em uma revolta em 28 de fevereiro de 1947, conhecida como o “Incidente 228”. Para reprimir a revolta, Chiang Kai-shek enviou 50 mil tropas do continente. Houve execuções sumárias e prisões não precedidas por devidos processos. O cálculo das vítimas no episódio gira entre 10 e 20 mil (Shih e Chen, 2010, p.92).

Tanto o PCC quanto o KMT interpretaram 228 em termos político-ideológicos: para um lado, era uma revolta do povo oprimido contra o regime de Chiang-Kai-shek. Para o outro lado, uma revolta comunista contra o regime legítimo. Na reinterpretação, que ganhou força a partir da década de 1990, os seis milhões de habitantes da ilha, embora em sua grande maioria descendentes de migrantes do continente e de etnia han, consideravam sua forçada subordinação ao regime de Chiang como uma nova colonização. Houve, inclusive, novamente proibição do uso da sua língua, trocando o ensino em japonês pelo ensino obrigatório em mandarim, uma língua que era pouquíssimo utilizada naquele momento pela população nativa (Khoo, 2021). A revolta de 228 seria, então, em defesa da autodeterminação contra o colonialismo chinês<sup>4</sup>. E sua brutal repressão, o início das décadas conhecidas como “terror branco”, com a vigência de leis marciais de maio de 1949 até 1987. Shih e Chen (2010, p. 98) afirmam que, mais uma vez, a repressão alimentou a formação de uma identidade nacional taiwanesa: “Ao exercer supressão militar,

---

<sup>3</sup> Taigi é a principal língua nativa que se desenvolveu na Ilha a partir de um dialeto da região de Fujian, origem da maioria dos migrantes do século 17.

<sup>4</sup> A revolta de 228 se tornou um poderoso símbolo e inspiração para o movimento pela democratização. Em 2006, durante o governo do DPP, houve uma investigação histórica formal identificando fatos e responsabilidades. O incidente ganhou um monumento em um dos principais parques no centro de Taipei, e a data 28 de fevereiro foi utilizada durante muitos anos por estudantes para danificar estátuas de Chiang Kai-shek.

dominação política e hegemonia cultural, o KMT ajudou a cristalizar a identidade nativa, o que levou ao nacionalismo étnico anticontinental” (*By wielding military suppression, political domination, and cultural hegemony, the KMT helped crystallize the native identity, which led to anti-Mainlander ethnic nationalism*).

Durante esse período, o regime autorizava uma única versão a respeito de Taiwan, como parte da nação chinesa e como parte da missão histórica de reconquistar a China continental, envolvendo a imediata desconstrução dos vestígios da cultura japonesa e a negação de algo que pudesse ser considerado uma história taiwanesa. O que existia era uma história nacional compartilhada. Essa política é conhecida como “chinezização”. Yeh (2021, p. 18) caracterizou esse processo como uma “invenção da nacionalidade por meio do nacionalismo oficial” (*invention of nation-ness via oficial nationalism*), elencando um conjunto de manifestações dessa política: o uso de um mapa oficial nacional com a China continental no centro, e Taiwan na periferia; mudanças de nomes das ruas e praças para nomes com referências da China continental; o calendário oficial que começa com a República da China em 1911, tendo, portanto, 1949 como ano 38, e assim por diante<sup>5</sup>; opressão de qualquer referência aos nomes Taiwan ou Formosa; datas comemorativas de acordo com eventos históricos chineses, sendo 10 de outubro (data da revolução de 1911 liderada por Sun Yat-Sem) o Dia Nacional. Sem mencionar o simbolismo de ter como Museu Nacional uma impressionante exibição permanente de artefatos culturais trazidos do continente em 1949. Uma clara demonstração da tese de que todas as histórias nacionais são construídas (Hobsbawm, 2013; Anderson, 2006).

Parte expressiva da população nativa não aceitava a imposição da identidade chinesa pelo KMT (Shih e Chen, 2010, p. 98). A luta contra o autoritarismo do regime do KMT e pela democratização se confundiu, portanto, com o anseio pela autodeterminação e até independência.

Em 1986, o DPP foi criado ilegalmente. O presidente Chiang Ching-kuo decidiu não reagir com repressão, mas regulamentar o direito à formação de partidos por meio de uma nova lei de segurança nacional, que estabeleceu basicamente três condições: respeito à Constituição, proibição de propagar o comunismo e não dividir a China, ou seja, proibição de defender a independência de Taiwan. James Soong, um dos principais assessores do presidente e futuro governador eleito de Taiwan, lembrou dos argumentos utilizados contra a linha dura do regime: “*Time is changing, environment is changing*”<sup>6</sup>. A partir daí, surgiu uma separação entre o direito soberano (uma China só) e o direito administrativo (autonomia de Taiwan). Isso foi levado ao extremo dentro do marco da política de uma única China, por Lee Teng-hui (1988-2000), primeiro presidente nascido em Taiwan. No governo de Lee, a cultura e a história de Taiwan foram enraizadas no território da ilha, e o uso da língua taiwanesa nas escolas e nos meios de

---

<sup>5</sup> Com isso, o regime queria explicitar que a história chinesa continuava em Taiwan, sendo o governo do PCC no continente um desvio temporário (Yeh, 2021, p. 27).

<sup>6</sup> Entrevista concedida em 15 de dezembro de 2020, Taipei.

comunicação foi liberado. Foi na sua gestão à frente do KMT que o Partido Nacionalista assumiu uma identidade local. Ele lançou o conceito de “Novo Taiwanês”, definido como:

que transcende as diferenças entre aqueles cujos ancestrais eram habitantes indígenas da ilha, primeiros imigrantes da China continental ou migrantes mais recentes para Taiwan durante e após a conquista comunista do continente. Os novos taiwaneses devem estabelecer uma identidade própria clara para serem os donos de seu próprio destino. (Lee, 1999, p. 12)<sup>7</sup>.

Mas, ao mesmo tempo, ele afirmou: “Também somos chineses, desde que respeitemos o legado da cultura chinesa e não esqueçamos o ideal da reunificação da China” (Lee, 1999, p. 61)<sup>8</sup>. Lee tentou defender a coexistência do que chamou de dois tipos de nacionalismo em Taiwan: “um focado no conceito territorial taiwanês de Grande Taiwan, o segundo nacionalismo cultural centrado na cultura chinesa<sup>9</sup>” (Lee, 1999, p. 62).

No fundo, ele sabia que o KMT não teria futuro se não se livrasse da imagem do partido dos que vieram de fora. Isso, até certo ponto, ele conseguiu. Mas não logrou barrar o avanço das forças independentistas, nem fazer seu sucessor. Houve um racha no KMT, e o DPP aproveitou para eleger, em 2000, seu primeiro presidente, Chen Shui-ban. A mensagem das urnas era clara: se fosse para construir uma nova identidade taiwanesa, que esse processo fosse liderado por aqueles que rejeitaram a identidade chinesa. Ao final, até hoje as lideranças do KMT consideram Taiwan parte da China.

## NACIONALISMO CHINÊS

Na narrativa do nacionalismo chinês contemporânea no continente, Taiwan é parte da histórica humilhação nacional que subordinou o país a interesses externos e dividiu a nação. Observa-se uma continuidade no objetivo (a reunificação), embora com intensidade diferenciada no que diz respeito à prioridade com a qual este está sendo perseguido. A partir da Constituição de 1978, juntou-se o preâmbulo “Taiwan é território sagrado da China. Estamos determinados a libertar Taiwan e realizar a grande causa de unificar nossa pátria.<sup>10</sup>” (República Popular da China, 1978).

O processo de rejuvenescimento só pode ser completo com o que é considerada a reunificação, no caso, sob liderança do Partido Comunista Chinês (Sinkkonen, 2021; República Popular da China, 2019, p. 7). E, embora sua principal fonte de legitimação sejam as conquistas econômicas e sociais, a questão de Taiwan ganhou para o PCC uma enorme relevância na

---

<sup>7</sup> *that transcends the differences between those whose ancestors were indigenous inhabitants of the island, early immigrants from continental China, or more recent migrants to Taiwan during and after the Communist takeover of the main land. The new Taiwanese must establish a clear self-identity in order to be the masters of their own destiny.* Tradução própria.

<sup>8</sup> *We are also Chinese so long as we respect the legacy of Chinese culture and not forget the ideal of China's reunification.* Tradução própria.

<sup>9</sup> *one focused on the Taiwanese territorial concept of Great Taiwan, second cultural nationalism centering on Chinese culture.* Tradução própria.

<sup>10</sup> *Taiwan is China's sacred territory. We are determined to liberate Taiwan and accomplish the great cause of unifying our motherland.* Tradução própria.

afirmação do patriotismo e parte essencial da identidade nacional chinesa como grande potência (Brady, 2015).

Observe-se que essa visão é compartilhada pelo Kuomintang, o partido nacionalista. Ambos concordam que Taiwan é parte da soberania territorial chinesa, sendo a disputa existente sobre quem deveria liderar essa única China. Essa convergência acabou sendo formalizada por representantes do KMT e do PCC, no chamado “Consenso de 1992”. A aceitação desta declaração se tornou pré-condição para a RPC negociar o futuro de Taiwan (Lee, 2021).

Para observadores ocidentais, a reivindicação chinesa sobre Taiwan teria uma fragilidade histórica pelo fato de a migração do continente ter começado só no século 17 (Van Der Wees, 2020). Jinche Lee, diplomata e assessor da presidência no governo Tsai, considerou, porém, “o argumento histórico não relevante de fato” (*The historical argument not really relevant*), alegando que não se pode confundir a concepção ocidental do exercício da soberania (controle administrativo direto) com aquela que existia na época na China, que ele definiu como “capacidade de vedar acesso a terceiros” (*ability to deny access to others*)<sup>11</sup>.

### NACIONALISMO TAIWANÊS

No final da década de 1980, com a democratização, surgiu também uma nova interpretação da história de Taiwan, que diminuiu a relação e a interação com a China e ressaltou os 400 anos de uma história taiwanesa, que teria começado com a chegada dos migrantes chineses após a expulsão dos holandeses, em uma luta comum que envolvia também as tribos nativas<sup>12</sup>. Tentou passar-se a estimular o uso do Taigi em público e expressões de cultura taiwanesa. Esse processo é chamado na literatura como “desinicização”.

O processo de democratização e a luta contra do regime ditatorial na década de 1980 podem ser vistos como elemento estruturante para o surgimento de um movimento que defende maior autonomia e afastamento da esfera de influência chinesa em contraposição às bandeiras históricas do KMT.

A afirmação do nacionalismo no primeiro governo do DPP (2000-2008) começou com uma campanha de retificação priorizando o nome Taiwan em detrimento de República da China ou Chinese Taipei<sup>13</sup> (YEH, 2021). Esse processo foi interrompido com a volta do KMT nos governos de Ma Ying-jeou (2008-2016). A restauração do nacionalismo chinês nos governos de Ma tinha seus limites. Primeiro pela questão política, uma vez que o sonho de reconquistar o continente já estava mais que superado, e a própria estrutura administrativa tinha se adaptado definitivamente para

<sup>11</sup> Entrevista concedida ao autor em 15 de dezembro de 2020.

<sup>12</sup> Observa-se um fascinante paralelo com a lenda da origem do nacionalismo brasileiro na Batalha dos Guararapes, também contra os holandeses e na mesma época, com a suposta atuação conjunta dos migrantes europeus, africanos e indígenas contra um inimigo externo.

<sup>13</sup> “Chinese Taipei” é a denominação aceita pela RPC para uso nas Nações Unidas e outras organizações multilaterais.



ser o governo de Taiwan, e não o governo da República da China *in exílio*. Segundo, não era mais razoável propagar ou ensinar a existência de uma única história chinesa que englobaria Taiwan.

Lee (2021, p. 207) afirmou que o processo chamado pelo autor de “Indigenização da identidade de Taiwan” (*Taiwan’s identity indigenization*) continuou ao longo do governo Ma. A explicação estaria ligada ao processo demográfico, com novas gerações cada vez mais distantes da China e quase “apoiadores naturais da independência de Taiwan” (*natural supporters of Taiwan Independence*).

Mas o processo não é natural ou automático. Há de se levar em consideração a ação do ator político. De acordo com o mesmo autor:

Tem havido um esforço deliberado para deslegitimar a identificação cultural orientada para a China e a genealogia histórica para a expansão da construção social ‘centrada em Taiwan’ e uma historicidade coletiva sem a ‘China’ na referência cultural e política<sup>14</sup>. (Lee, 2021, p. 207).

Lin (2016)<sup>15</sup> defendeu que outra origem estaria exatamente na estratégia chinesa de gerar oportunidades econômicas para o capital taiwanês no continente. Isso porque tal estímulo gerou uma discordância em Taiwan entre os que se aproveitaram dessa relação e aqueles que não tiveram essa oportunidade e até consideram a exportação de capital de Taiwan para a China como negativa para o desenvolvimento da ilha. E isso explicaria, pelo menos em parte, a onda de manifestações de 2014, sobretudo de estudantes, conhecida como “*Sunflower Movement*”, contra o acordo de livre comércio entre Taiwan e China. Movimento que acabou gerando um forte sentimento anti-China (*anti-China fever*), enfraquecendo o governo do KMT e dando uma vitória completa (incluindo maioria no Congresso) para a DPP nas eleições de 2016.

A autora acrescentou que a crescente pressão por parte de Beijing no governo Xi Jinping acabou também reforçando a formação da identidade taiwanesa “não necessariamente anti-China, mas não chinesa<sup>16</sup>” (Lin, 2016, p. 31). Qiang (2020, p. 549) foi na mesma linha: “Beijings posição de confronto enfraquece sua tentativa de envolver a população taiwanesa<sup>17</sup>” e apontou para uma tendência do “*common Taiwanese to turn their back on the mainland China*”. (Do taiwanês comum a voltar as costas para a China continental).

O governo de Tsai (2016-), embora tente manter o *status quo* e resista a pressões das alas mais independentistas, está decidido em avançar de forma gradual com o processo de desinicização. A reeleição de Tsai em janeiro 2020 é sintomática. Depois da derrota do DPP nas eleições municipais de 2018 e o surgimento de uma nova liderança populista como candidato do

<sup>14</sup> *It has been a deliberate effort to de-legitimize the China-oriented cultural identification and historical genealogy for the expansion of the ‘Taiwan-centered’ social construct and a collective historicity without ‘China’ in cultural and political reference.* Tradução própria.

<sup>15</sup> O autor aprofundou as ideias diretamente com Lin em entrevista concedida em 25 de novembro de 2020, Taipei.

<sup>16</sup> *not necessarily anti-chinese, but non-chinese.* Tradução própria.

<sup>17</sup> *Beijing’s hardline stance undermines its effort to engage with Taiwan public.* Tradução própria.

KMT (Han Kuo-yu), havia a expectativa de uma vitória do deste partido. Uma das explicações da reviravolta é o aumento da pressão direta de Xi Jinping sobre a necessidade de uma resolução da questão de Taiwan.

### CRÍTICA INTERNA AO NACIONALISMO TAIWANÊS

Há, porém, dentro de Taiwan, resistências à identidade local desvinculada da chinesa. Assim, por exemplo, Ko Wen-je, prefeito da Cidade de Taiwan (2014-), tentou explorar um campo entre as duas posições aparentemente excludentes, ao afirmar que “Os dois lados do Estreito de Taiwan são uma família que compartilha um destino comum<sup>18</sup>” (Qiang, 2020, p. 549).

Chien Han-Sun, empresário e quadro histórico do KMT<sup>19</sup>, alega que o conceito de independência confunde, porque na sua opinião Taiwan é independente desde 1945: “A pergunta ‘você quer independência?’ é irresponsável. De que forma? Lutar contra soldados da RPC? Com a economia voltando 30 anos, você acha que Taiwan tem possibilidade de ganhar essa guerra?” Ele afirma que a separação durante 50 anos fez com que houvesse um crescimento constante de identificação do povo como sendo taiwanês, mas sugere que quando houver de fato dominação chinesa, muitas pessoas voltarão a se identificar como chinesas, lembrando que, durante a dominação japonesa, grande parte da população se identificou com a cultura nipônica.

You-Ping Cheng, professor da New Taipei University (NTU) e celebrado membro do campo *pan-blue*<sup>20</sup>, apontou a contradição entre o aumento do sentimento separatista com o crescimento da interdependência econômica. Ele defende a hipótese de que o que chama de “sinofobia” seria um efeito colateral não previsto do processo de democratização: “Meu palpite: nunca se pretendeu ser anti-China” (*My take: it was never intended to be anti-china*). A liderança do DPP teria percebido a capacidade mobilizadora em separar *mainlanders*, vistos agora como *outsiders*, dos nativos, sugerindo quase uma divisão étnica que não existe, porque “na verdade, somos quase todos da etnia han” (*in reality, we are almost all han people*). Ao insistir na contradição *mainlanders versus natives*, o próximo passo seria enfatizar a separação de Taiwan da China, caracterizando o KMT como um elemento chinês. O que houve, de acordo com Cheng, foi uma construção política “moldada pela política educacional do Estado que infundiu, injetou uma grande quantidade de elementos nativos locais de Taiwan na educação (história, cursos cívicos) e essa chamada 'educação reformista' funcionou, você poderia chamar de doutrinação”<sup>21</sup>.

É de fato difícil estabelecer a ordem das coisas. A luta por maior independência da China exigiria a queda do regime autoritário (Philips, 2016, p. 673), mas não parece ter sido este o fator principal que estimulou os movimentos por democratização. As medidas do DPP no governo de

<sup>18</sup> *The two sides of the Taiwan Strait are one family sharing a common destiny*. Tradução própria.

<sup>19</sup> Entrevista concedida em 9 de novembro de 2020, Taipei. A entrevista foi em português, possível graças ao fato de Chien ter sido professor de astrofísica na USP na década de 1970.

<sup>20</sup> Entrevista concedida em 18 de novembro de 2020, New Taipei.

<sup>21</sup> *shaped by State educational policy that infused, injected a large amount of native local Taiwan elements in education (history, civic courses) and this so-called 'reform education' worked, you could call it indoctrination*.

desinicização tinham como objetivo enfraquecer o KMT e criar uma ideologia para dar sentido ao movimento pós-regime autoritário. Não havia muito a se diferenciar nas políticas econômicas e até sociais. O milagre taiwanês ocorreu com coesão social sem grandes desigualdades, houve uma verdadeira reforma agrária e um sistema de saúde, previdência social e educação pública de alto nível. Nesses quesitos, o DPP tinha como principal desafio manter os níveis de bem-estar e socioeconômicos. Para isso, precisava garantir os altos índices de crescimento econômico (Lin, 2020).

É fato, porém, que a identificação com a China diminui sistematicamente e quase linearmente desde os primeiros estudos específicos realizados em 1992, em favor da identificação como taiwanês<sup>22</sup>. Em junho de 2020, 67% da população da ilha se identificava exclusivamente como taiwanesa, 2,4% como exclusivamente chinesa e 27,5% com taiwanesa e chinesa.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo explorou o surgimento do nacionalismo taiwanês e o confronto com o nacionalismo chinês. Foi defendida a tese de que o primeiro faz referência a uma concepção estática do nacionalismo, enquanto o segundo ao processo de construção dinâmica de uma nova identidade separada da chinesa. Observou-se que o conflito não tem, como não poderia ter, conotação étnica ou religiosa, pelo fato de que a maioria da população taiwanesa compartilha esses fatores com a China continental. A questão linguística, que em algum momento exerceu um papel político, se tornou marginal.

O conflito entre o nacionalismo chinês e o taiwanês não se confunde com um conflito entre a China (continental) e Taiwan, porque há dentro de Taiwan concepções diferentes e excludentes a respeito do que é ou deveria ser a identidade taiwanesa em última instância: parte da China ou de uma nação soberana.

Todos acreditam que o tempo corre em seu favor. Os nacionalistas moderados em torno da atual presidenta, Tsai Ing-wen, acreditam que a tendência de fortalecer a identidade taiwanesa é irreversível, e que haverá cada vez mais apoio para resistir a qualquer tentativa de incorporação do território pela RPC. De outro lado, o PCC liderado por Xi Jinping e as lideranças do KMT apostam no enfraquecimento relativo da capacidade de resistência, inclusive da determinação dos EUA em evitar a reunificação, e numa crescente consciência em Taiwan a respeito da inevitabilidade do processo histórico único.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Brady, Anne-Marie. (2015) 'Unifying the ancestral land: The CCP's 'Taiwan' frames', *The China Quarterly*, 223, pp. 787–806.

---

<sup>22</sup> Esses levantamentos são feitos regularmente pelo National Chengchi University, Election Study Center. <https://esc.nccu.edu.tw/eng/PageFront> Há várias outras pesquisas que até podem apontar alguma diferença pontual, mas a tendência é sempre a mesma (Lin, 2016).

Brass, P. (1991) *Ethnicity and Nationalism: Theory and Comparison*. New Delhi and Newbury Park: SAGE.

Hobsbawn, E. (2013) *Nations and Nationalism since 1780: Programme, Myth, Reality*. New York: Cambridge University Press.

Hsiau, A-chin. (2000) *Contemporary Taiwanese Cultural Nationalism*. New York: Routledge.

Khoo, Hui-Lu. (2021) Emerging Taiwanese Identity, endangered Taiwanese language. In SHEI, Chris, *Taiwan. Manipulation of Ideology and Struggle for Identity*. Routledge Studies. Oxan/New York, pp. 55-74.

Lee, Teng-hui. (1999) *The Road to Democracy. Taiwan's pursuit of identity*. Tokyo: PHP Institute Inc.

Lee, Wei-chin. (2020) 'Multiple Shades of China's Taiwan Policy after the 19th Party Congress'. *Journal of Asian and African Studies*, 55(2), pp. 201-220.

Lin, S. S. (2020) 'How Taiwan's High-Income Trap Shapes its Options in the U.S.-China Competition', in ASHLEY J, T., ALISON SZALWINSKI; M. W. (eds.), *Strategic Asia 2020: Sino-U.S. Competition for Influence*. Washington: The National Bureau of Asian Research, pp. 133-60.

Lin, S. S. (2016) *Taiwan's China Dilemma: Contested Identities and Multiple Interests in Taiwan's Cross-Strait Economic Policy*. Palo Alto, California: Stanford University Press.

National Bureau of Statistics of China. (2021). *Main Data of the Seventh National Population Census*. Beijing, maio. [http://www.stats.gov.cn/english/PressRelease/202105/t20210510\\_1817185.html](http://www.stats.gov.cn/english/PressRelease/202105/t20210510_1817185.html) [Acesso: 20 de maio de 2021].

Ozkiřimli, U. (2000) *Theories of Nationalism: a Critical Introduction*. New York: St. Martin's Press.

Phillips, S. (2016). "Democracy and national destinies on Taiwan". *Nations and nationalism*. 22(4), pp. 666-685.

República da China. (2021) National Statistics. Population – latest indicators. Taipei.

<https://eng.stat.gov.tw/point.asp?index=9> [Acesso 20 de maio de 2021].

República Popular da China. (2019) *China's National Defense in the New Era*. The State Council Information Office. Beijing.

República Popular da China. (1978) *The Constitution of the People's Republic of China*, Beijing. <https://china.usc.edu/sites/default/files/article/attachments/peoples-republic-of-china-constitution-1978.pdf>. [Acesso 20 de abril de 2021].

Renan, E. (2000) 'What is a Nation?' In BHABA, Homi (Ed.), *Nation and Narration*. London and New York: Routledge, pp. 8-22.

Shih, Cheng-feng; Chen, M. (2010) 'Taiwanese identity and the memories of 2-28: a case for political reconciliation'. *Asian Perspective*, 34(4), pp. 85-113.

Smith, A. (2010) *Nationalism: Theory, Ideology and History*, Second edn. Malden, MA: Polity Press.

Sinkkonen, E. (2021) 'The role of the Taiwan question in Chinese national identity construction'. In SHEI, Chris, *Taiwan. Manipulation of Ideology and Struggle for Identity*. Routledge Studies. Oxan/New York, pp. 1-17.

The Economist. (2021) 'The most dangerous place on Earth'. Londres. 439(9234), May 1<sup>st-7th</sup>.

Van Der Wees, G. (2020) 'Has Taiwan Always Been Part of China?' *The Diplomat*. Washington.

Vickers, E. (2021) 'Three faces of an Asian hero: commemorating Koxinga in contemporary China, Taiwan, and Japan'. In: SHEI, Chris. *Taiwan. Manipulation of Ideology and Struggle for Identity*. Routledge Studies. Oxan/New York, pp. 157-182.

Yeh, Hsin-Yi. (2021) 'Remembered chineseness and its dynamics. Analysing the national-remembering in Taiwan after 1949'. In: SHEI, Chris. *Taiwan. Manipulation of Ideology and Struggle for Identity*. Routledge Studies. Oxan/New York, pp. 18-35.

Xin, Q. (2020) 'Selective Engagement: Mainland China's Dual-Track Taiwan Policy'. *Journal of Contemporary China*, 29(124), pp. 535-p. 552.